

VISÕES & ILUSÕES



POLÍTICAS

2ª Edição ampliada e atualizada

Uma análise & crítica cristã
das ideologias contemporâneas

DAVID T. KOYZIS


VIDA NOVA

Em se tratando de política, leia *Visões e ilusões políticas*, de David T. Koyzis. Uma obra muito importante para compreender as ideologias políticas que estão em jogo na cultura. O cristianismo faz críticas a todas elas. Definitivamente, o melhor livro que li sobre o estado atual do pensamento político entre evangélicos.

Timothy Keller é presidente do Redeemer City to City e fundador da Redeemer Presbyterian Church em Manhattan. É autor de vários livros publicados por Vida Nova, entre eles *A fé na era do ceticismo* e *Deus na era secular*

Com uma clareza incrível, Koyzis apresenta uma análise bastante perspicaz da relação entre *idolatria* e *ideologia*. Este não é um livro apenas para cristãos, mas para todos os que se interessam em compreender melhor a batalha das ideologias pelo coração dos homens.

Jonas Madureira é professor de teologia sistemática, filosofia e hermenêutica no Seminário Martin Bucer e de filosofia na Universidade Presbiteriana Mackenzie. É autor do livro *Inteligência humilhada* (Vida Nova)

A análise de Koyzis é tanto uma pesquisa eficaz das diversas opções políticas contemporâneas quanto uma palavra de encorajamento para os cristãos discernirem as diferentes ideologias. Este livro combina uma análise teórica de fácil leitura com uma exposição fundamentada em um profundo conhecimento da filosofia cristã. Trata-se, portanto, de uma contribuição de extrema qualidade para o desenvolvimento do pensamento político de orientação cristã.

Mark A. Noll é professor de Filosofia Cristã no Wheaton College

Embora a primeira edição de *Visões e ilusões políticas* já tenha sido elogiada no Brasil como uma ferramenta inestimável de formação política cristã tanto por jovens estudantes e clérigos quanto por promotores federais e políticos de carreira, a nova edição confirma-se como um clássico. O autor aprofunda o diálogo a respeito da relação entre ideologia e idolatria, recuperando o papel central que as histórias têm para a ideologia. Ele enriquece muito sua exposição e extrai os equivalentes da narrativa bíblica da Criação, Queda, redenção e consumação arraigados nas histórias que estão no centro do liberalismo, do conservadorismo, do nacionalismo, do democratismo e do socialismo. O dr. Koyzis também atualiza sua abordagem ao tratar de novas críticas a essas ideologias, como a de Patrick Deneen no liberalismo, ao ouvir pensadores políticos cristãos relevantes como David L. Schindler e ao apresentar novas perspectivas próprias, como sua teoria da autoridade. Esta nova edição traz a promessa de ser uma bênção ainda maior para a mente política cristã.

Guilherme de Carvalho é fundador da Associação Kuyper Brasil (AKET), diretor do L'Abri Fellowship Brasil desde 2008 e vice-presidente da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência

Essa segunda edição do excelente livro de David é uma preciosidade. Ele agora lança ainda mais luz em sua avaliação das ideologias modernas, partindo de um profundo estudo da *história* contada por cada uma e da *idolatria* por elas manifestada. Isso também leva o cristão a examinar até que ponto sua dedicação a Deus está sendo comprometida ao se curvar (mesmo que inconscientemente) a outros deuses em busca de orientação política. Nestes tempos de crescentes nacionalismo, racismo, terrorismo e pura ignorância, a mensagem deste livro não poderia ser mais urgente ou importante. Leia e discuta com atenção, mesmo que seja necessário semanas para fazê-lo. As múltiplas forças em ação em nosso país e ao redor do mundo não serão frustradas ou redirecionadas por uma eleição ou por um acontecimento importante. O amor cristão por Deus e pelo próximo exige serviço civil responsável e isso requer o tipo de entendimento fornecido por *Visões e ilusões políticas*.

James W. Skillen, presidente (agora aposentado) do Center for Public Justice

A política envolve a aquisição e o uso do poder. Sempre tem uma dimensão moral, sempre oferece uma chance de fazer o bem e sempre traz o risco da idolatria. Nesta segunda edição, uma atualização de seu trabalho original, Koyzis ofereceu uma excelente perspectiva geral a respeito da política e das ideologias modernas, do Estado e da intersecção destes com a fé cristã. Rico em erudição, perspicaz e envolvente em sua análise e “pura e simplesmente cristão” em sua relevância para todos os seguidores de Jesus Cristo, quaisquer que sejam suas tradições, é um recurso indispensável.

Charles J. Chaput, arcebispo da Filadélfia

David Koyzis apresenta aos leitores a gama de teorias políticas que surgiram desde os tempos clássicos e que, desde então, competem por influência. De modo cuidadoso e respeitoso ele separa o joio do trigo em cada uma dessas teorias a partir de uma cosmovisão cristã, em estilo claro, pacífico e persuasivo. A segunda edição atualiza a primeira de forma proveitosa em relação aos maiores acontecimentos políticos nas últimas duas décadas. Em um mundo cada vez mais polarizado, esse tipo de livro é leitura essencial para cidadãos conscientes, independentemente de suas inclinações políticas e religiosas.

Mary S. Van Leeuwen, professora emérita de Psicologia e Filosofia da Eastern University

Visões e ilusões políticas é um texto absolutamente indispensável, escrito pelo teórico político evangélico de maior importância de nossos dias. Aqui, Koyzis desmascara de forma habilidosa a idolatria nas ideologias políticas modernas antes de oferecer uma visão não ideológica convincente para a política e a vida pública. Sua relevância vai além da ciência política, estendendo-se para as disciplinas de teologia pública, ética e filosofia. Fortemente recomendado.

Bruce Riley Ashford, diretor/deão e professor de Teologia e Cultura do Southeastern Baptist Theological Seminary

Poucos poderiam ter previsto as grandes convulsões políticas testemunhadas desde o lançamento da primeira edição desse livro em 2003. No entanto, a obra de Koyzis resistiu ao teste do tempo, na minha opinião, como a melhor introdução ao pensamento político moderno na perspectiva cristã. Essa nova edição é bem-vinda em sua inclusão de literatura atualizada e de novos exemplos dos desenvolvimentos políticos recentes. Como teólogo politicamente engajado, estou muito empolgado por ver a adição do “Pós-escrito eclesiológico: uma conclusão”, que pode muito bem servir como uma espécie de bússola teopolítica para líderes eclesiásticos que desejam orientação sobre como a igreja deve — ou não — engajar-se na ação política.

David Guretzki, vice-presidente executivo e teólogo residente de The Evangelical Fellowship of Canada

Koyzis oferece uma introdução acessível, sólida e com muito trabalho de pesquisa às principais ideologias políticas no mundo de hoje. Ao longo do livro, Koyzis serve ao leitor como um fiel e fundamentado guia cristão em meio a muitas vozes políticas ativas e concorrentes no âmbito público. Tenho adotado *Visões e ilusões políticas* em meus cursos sobre fé e política há anos e estou muito grato por uma nova edição atualizada. É um verdadeiro presente.

Matthew Kaemingk, professor assistente de Ética Cristã e reitor associado do Fuller Theological Seminary, no Texas, Estados Unidos

A primeira edição desse excelente livro mostrou em uma prosa viva e erudita o quanto percepções bíblicas sobre a idolatria lançam luz em nossa vida política. Essa edição expandida aumenta seu escopo e delineia os desafios mais recentes que enfrentamos. É uma leitura indispensável.

Paul Marshall, professor da cátedra Jerry e Susie Wilson de liberdade Religiosa na Baylor University

**VISÕES &
ILUSÕES**



POLÍTICAS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Koyzis, David T.

Visões e ilusões políticas : uma análise crítica cristã das ideologias contemporâneas / David T. Koyzis ; tradução de Lucas G. Freire, Leandro Bachega. — 2. ed. ampliada e atualizada — São Paulo : Vida Nova, 2021.
400 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5967-001-7

Título original: Political Visions e Illusions: A Survey e Christian Critique of Contemporary Ideologies

1. Cristianismo e política 2. Ideologia – Aspectos religiosos 3. Cristianismo I. Título II. Freire, Lucas G. III. Bachega, Leandro

21-0600

CDD 261.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Cristianismo e política

VISÕES & ILUSÕES POLÍTICAS

2ª Edição ampliada e atualizada

Uma análise & crítica cristã
das ideologias contemporâneas

DAVID T. KOYZIS

TRADUÇÃO

LUCAS G. FREIRE

LEANDRO BACHEGA

(acréscimos da segunda edição)


VIDA NOVA

©2019, de David T. Koyzis

Título original: *Political visions and illusions:*

a survey and Christian critique of contemporary ideologies,

edição publicada pela INTERVARSITY PRESS (Downers Grove, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

2.^a edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação de fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram
traduzidas diretamente da King James Version (KJV).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Leandro Bachega

Cristina Ignácio

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Virginia Neumann

Marcia B. Medeiros

REVISÃO TÉCNICA

Jonathan Silveira

REVISÃO DE PROVAS

Abner Arrais

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

CAPA

Wesley Mendonça

SUMÁRIO

<i>Prefácio de Richard J. Mouw</i>	11
<i>Prefácio à segunda edição</i>	15
Introdução: Ideologia, religião e idolatria	23
Política e ideias	26
História e definições	28
A ideologia como história redentora: em busca de uma definição	33
Classificação das ideologias: esquerda e direita	45
Discernindo os espíritos nas ideologias	49
1. Liberalismo: A soberania do indivíduo	55
Os diversos significados do liberalismo	58
A história liberal	62
O liberalismo tardio e o crescimento do Estado	70
O bem e o direito: subsidiando escolhas	81
O Estado espiritualmente vazio: a privatização das crenças fundamentais	89
Pecado e salvação no liberalismo	92
2. Conservadorismo: A história como fonte das normas	99
Os bebês e a água do banho: o credo conservador	104
Nossa grama é mais verde que a do vizinho	108
Quais tradições? Quando?	112
O conservadorismo e o cristianismo	121
O conservadorismo e o Estado	126

3. Nacionalismo: O Deus zeloso por sua nação	131
O credo de um século inteiro	138
Nacionalismo cívico e nacionalismo étnico: Estado <i>versus</i> tribo	146
A visão nacionalista do Estado	152
Lealdade patriótica: uma devoção moderada.....	156
O nacionalismo e os cristãos.....	159
4. Democracia ou democratismo?: Quando as pessoas	
<i>reivindicam demais</i>	165
Estrutura e credo.....	165
Do liberalismo à democracia.....	171
As tentações majoritária e totalitária	176
A narrativa democratizante: a história se complica	183
Recapitulação do credo e da estrutura: democracia direta <i>versus</i>	
democracia representativa	190
Representação: seguir ou liderar?	193
Democracia e justiça: avaliação final.....	198
5. Socialismo: A salvação pela propriedade comum	201
Uma visão transformadora.....	202
Da democracia ao socialismo	206
Propriedade comum e ideologia socialista.....	211
Meios e fins: a igualdade e como alcançá-la.....	217
A narrativa marxiana	221
Distribuição equitativa de recursos econômicos	231
6. Transcendendo as ideologias: Afirmando a	
<i>pluriformidade social</i>	237
Uma resposta cristã e bíblica.....	244
Uma cosmovisão cristã: Criação, Queda e redenção	247
A ordem da criação: correção de algumas concepções errôneas	254
Discernindo os espíritos: pluralismos e pluriformidade	264

7. Rumo a uma alternativa não ideológica: <i>Duas abordagens cristãs históricas</i>	283
O papel da doutrina social católica romana	284
O princípio da subsidiariedade: afirmando a sociedade civil	287
A Reforma: <i>Calvino</i> e <i>Althusius</i>	293
Desenvolvimentos na Holanda: Groen e Kuyper	296
Soberania das esferas: uma afirmação não hierárquica da sociedade civil	302
A contribuição de Herman Dooyeweerd	307
8. O Estado e sua missão: <i>Promovendo a justiça no mundo de Deus</i>	319
Justiça e responsabilidade diferenciada	330
A justiça e o Estado	340
Epílogo: Rumo ao futuro.....	345
Pós-escrito eclesiológico: uma conclusão.....	349
Questões para debate	363
<i>Bibliografia selecionada</i>	371
<i>Índice remissivo</i>	393

PREFÁCIO

Richard J. Mouw

Penso que David Koyzis não precisaria ter elaborado uma nova edição desta obra, de 2003. Estava bastante satisfeito com aquela versão e já tinha lido diversas vezes, retornando a ela regularmente no intuito de abordar tópicos específicos. Além disso, sugeri a obra como leitura obrigatória para meus alunos, tendo obtido muito sucesso entre eles.

Agora que li esta versão nova e ampliada, estou contente pelo esforço de David. Muita coisa mudou no mundo da política global durante a última década e meia. Enquanto escrevo este prefácio, os noticiários que acompanho — principalmente online nos dias de hoje, em vez dos jornais impressos dos quais dependia quando da primeira publicação deste livro — tratam de realidades políticas que jamais imaginávamos em 2003. Embora uma boa introdução ao pensamento político seja de um gênero diferente das reportagens diárias, ela deve fornecer um quadro de referência e ferramentas específicas para que tenhamos uma melhor compreensão das notícias. Quanto a isso, a edição de 2003 nos serviu maravilhosamente. Esta nova versão, contudo, agrega ainda mais valor.

Não conheço outro escritor ou pensamento político que una a amplitude e a profundidade que David traz aos tópicos políticos. Embora com certeza possua um sólido domínio dos assuntos tipicamente discutidos por outros cientistas políticos, ele também conhece teoria jurídica, estudos sobre tecnologia, relações internacionais, filosofia, teologia — e até mesmo faz bom uso

da poesia e da ficção. Seu conhecimento é um modelo para aqueles que promovem a causa do ensino e aprendizagem integrados na academia.

A despeito do seu amplo leque de interesses e expertises, David nunca perde de vista seu foco principal: lançar luz sobre a diversidade de ideologias na história do pensamento político. O próprio termo “ideologia”, obviamente, tem seu sentido contestado. Não raro as pessoas o usam como uma acusação: “Ah, isso é pura ideologia!”. No entanto, também é usado com regularidade como um termo neutro para capturar o que é essencial em um sistema de pensamento político influente.

David acena para os dois usos. Ele nos conduz com cuidado pelas forças e fraquezas do liberalismo, conservadorismo, nacionalismo, democratismo e socialismo — apresentando como, da perspectiva cristã, cada uma dessas ideologias é a expressão de um compromisso fundamentalmente idólatra. Cada uma se organiza em torno de um compromisso último com algum dos aspectos da criação. Nesse sentido, toda ideologia é “religiosa”, a ponto de incorporar algum tipo de “história redentora”.

Contudo, ao tratar dessas ideologias como oriundas de compromissos idólatras, David não as apresenta simplesmente como personificações de erros intelectuais. Admito que muitas vezes fico preocupado quando cristãos compreendem a vida e o pensamento não cristãos sob a categoria de idolatria. Isso nos incentiva a pensar que somos mais sábios do que tudo o que está associado às perspectivas não cristãs. Entretanto, não é o que acontece com David Koyzis. Ele usa os conceitos como uma ferramenta explicativa útil, capaz de elucidar os padrões fundamentais de um sistema de pensamento.

E aí está o que considero demasiado relevante na maneira como ele faz isso: ele quer que também aprendamos com as perspectivas idólatras. Uma vez que esses sistemas de pensamento funcionam dentro da boa criação de Deus, apesar da presença generalizada do pecado, eles não são capazes de distorcer inteiramente a compreensão do mundo em que vivem. Mais do que isso, muitas vezes eles têm um conhecimento positivo para nos oferecer. Ao empregar alguns aspectos da criação como categoria última de análise da realidade política, uma perspectiva idólatra pode, com efeito, apontar para algumas coisas que, de outra maneira, não notaríamos. Por exemplo, os marxistas decerto estão errados quando insistem que a crença na vida após

a morte é apenas uma forma de encorajar os oprimidos a aceitar um injusto *status quo* político e econômico. No entanto, eles de fato acertam em alguns casos específicos. A religião tem sido com frequência usada para desencorajar as pessoas a trabalharem para corrigir injustiças verdadeiras.

A alternativa às maneiras idólatras de pensar sobre a vida política é, claramente, honrar os desígnios do Criador para vivermos nossa vida juntos, como criaturas humanas. Ao nos direcionar para esses desígnios, David nos fornece uma análise comparativa sobremodo inteligente de duas visões cristãs robustas a respeito do Estado: o sistema católico organizado em torno do princípio de subsidiariedade e a perspectiva da “soberania das esferas”, desenvolvida no neocalvinismo holandês, sobretudo por Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd.

Ao desenvolver a perspectiva kuyperiana, David está bem ciente de que ela precisa ser reformulada para as realidades políticas contemporâneas. A perspectiva cristã, ele insiste, pode ser aplicada a diversos contextos culturais, com diferentes maneiras de construir padrões de governança e formas de “representação” política. O que é inegociável, no entanto, é a visão inspirada na Bíblia, que entende “o Estado como uma instituição formada com base no exercício do poder e guiada pelo princípio da justiça pública” (cap. 3).

Um dos presentes especiais que esta nova edição nos oferece é uma importante seção de conclusão, na qual David estabelece algumas reflexões sobre a natureza e o papel da igreja em relação à vida política. O “Pós-escrito eclesiológico: uma conclusão” integra todo o trabalho realizado no livro, mas também pode ser visto de forma isolada como uma contribuição importante para a discussão cristã em andamento sobre as formas com que a igreja institucional — tanto as manifestações denominacionais a respeito de preocupações sociais quanto o que é explicitamente tratado em homilias e sermões — pode abordar assuntos relevantes quanto ao bem comum de maneira adequada. O que David diz sobre esse assunto é breve, mas ele o faz de forma que, em poucas páginas, esclarece mais a respeito do assunto do que muitos dos volumes teológicos que já li a respeito das mesmas discussões. Nesse sentido, trata-se da conclusão ideal para um livro que, de modo consistente, nos fornece a sabedoria necessária para questões de vital importância para nossa vida como criaturas de Deus.

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

A distância entre a visão e a ilusão é, às vezes, assustadoramente pequena. Todos queremos enxergar com a máxima clareza possível. Podemos até nos orgulhar de nossa capacidade de entender e interpretar o mundo como ele realmente é. No entanto, em nosso contínuo esforço para compreender o mundo à nossa volta, nossa observação inevitavelmente é filtrada por uma ou mais cosmovisões. Uma cosmovisão, o que os alemães chamam de *Weltanschauung*, não é ainda um modelo teórico passível de verificação ou refutação pelos meios comuns de demonstração. Ao contrário, a cosmovisão é uma visão pré-teórica, arraigada em um compromisso religioso básico à qual interage com a experiência ordinária da vida e é moldada por ela.

Porém, toda visão está sujeita a distorção, e damos o nome de “ilusões” às visões distorcidas. Uma ilusão nos dá uma falsa interpretação do mundo, mas sua inautenticidade nem sempre é imediatamente evidente para todos, ao menos à primeira vista. Pelo contrário, uma ilusão pode ser persuasiva a ponto de convencer um sem-número de pessoas de que suas pretensões representam a verdade total. Apesar disso, até mesmo as ilusões têm um fundo de verdade, pois o próprio mundo para o qual elas olham é um dado inescapável. Poderíamos concluir daí que precisamos de algum meio, talvez até de um dom da graça de Deus, que nos capacite a entender a complexa relação entre essas visões e ilusões opostas, por um lado, e o mundo que elas tentam interpretar, por outro.

Caso se tratasse somente, por exemplo, de verificar se uma senhora de 35 anos e uma menina de 8 atravessaram a rua para ir à loja de brinquedos, parece que não precisaríamos ir além do nosso poder ordinário de observação. É quando tentamos analisar essa experiência comum de modo mais profundo que podemos deparar com interpretações conflitantes. Estaríamos, por acaso, observando duas pessoas isoladas dedicando-se a um empreendimento comum mediante um acordo mútuo de seus interesses próprios? Seriam elas dois membros da burguesia que, usando o tempo livre que sua condição privilegiada lhes faculta no sistema capitalista de produção, vão realizar a transação comercial de um bem supérfluo? Estaríamos, talvez, diante de duas cidadãs de um determinado Estado tirando vantagem da proteção que este lhes oferece para atravessar em segurança uma via pública movimentada e entrar no estabelecimento de uma sociedade empresarial de responsabilidade limitada? Ou se trataria simplesmente de mãe e filha em uma relação familiar assimétrica, caracterizada pelo mútuo amor e devoção? Em um certo sentido, é possível ver tudo isso, pois cada uma dessas interpretações nos revela uma faceta da realidade completa.

Contudo, se aceitarmos qualquer uma dessas versões como uma descrição completa da realidade, não estaremos apenas dando nosso assentimento à evidência dos sentidos; essa evidência estará sendo filtrada por uma cosmovisão que, embora molde nossa experiência até certo ponto, também molda a forma como interpretamos essa experiência. Esse fato tem importantes implicações para a política. Muitos debates acirrados no âmbito político deixam de acontecer não porque simplesmente um ou outro lado se recusa a “aceitar os fatos” ou a “ser razoável” (como tantas vezes ouvimos), mas, sim, porque ambos os lados se pautam por visões diferentes da realidade, alicerçadas em paradigmas mutuamente excludentes. Apesar disso, mais adiante veremos que, na verdade, várias dessas concepções políticas distintas, seja qual for o seu rótulo ideológico, têm origem em uma única cosmovisão religiosa, que vê o cosmo como um sistema essencialmente fechado, sem referência a um criador ou redentor. Em resumo, apesar do aparente conflito entre as diversas ideologias, no fundo, todas elas são subespécies de uma categoria mais ampla, que será definida na introdução: a idolatria.

Pelo fato de a primeira edição deste livro ter sido publicada em 2003 — logo após o início de um novo século e de um novo milênio —, ele naturalmente refletiu sobre os acontecimentos das décadas mais recentes do último século, em especial o colapso do comunismo e o que então parecia ser a espetacular expansão de formas democráticas de governo. À medida que eu fazia os ajustes finais no manuscrito, os eventos de onze de setembro de 2001 introduziram o que muitos mais tarde viram como uma “nova” realidade inserida na arena internacional — a saber, o jihadismo radical, da palavra árabe para “guerra santa”, que suplantou o nacionalismo árabe e o socialismo, termos mais abrangentes do pós-guerra, como “a grande novidade”. Além disso, desde a virada do século, vivenciamos uma evolução no projeto liberal em curso que o deixou claramente menos receptivo às reivindicações da religião tradicional revelada do que no passado. Isso exigiu uma revisão, especialmente do capítulo 1, mas a recente convergência entre o liberalismo tardio e o que tem sido conhecido como “marxismo cultural” também tornou necessário tocar nesse assunto no capítulo 5. O notável nesse desenvolvimento é que, enquanto o mundo ocidental prossegue no caminho da secularização — um fenômeno bastante explorado por Charles Taylor em seu *A secular age*¹ —, o restante do mundo parece estar envolvido em um reavivamento religioso. O cristianismo, em particular, está realizando aceleradas incursões na África subsaariana, na América Latina e na Ásia, conforme registrado nos livros de Philip Jenkins, começando com *The next Christendom*.² As evidências indicam que muito do que tem surgido com o rótulo de modernidade falha em levar descanso ao coração inquieto, que busca satisfação em algo ou alguém além de si mesmo.

Uma nova edição se justificava não somente pela necessidade de uma atualização geral do material, mas também pelo desenvolvimento do meu próprio pensamento desde 2003. Depois da publicação da primeira edição,

¹Charles Taylor, *A secular age* (Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2007) [edição em português: *Uma era secular* (Porto Alegre: Unisinos, 2010)].

²Philip Jenkins, *The next Christendom: the coming of global Christianity*, 3. ed. (New York: Oxford University Press, 2011) [edição em português: *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global* (Rio de Janeiro: Record, 2004)].

comecei a perceber que cada uma das ideologias que eu havia explorado não era um conjunto estático de princípios, mas contava uma história que refletia e imitava de alguma maneira a narrativa redentora da Bíblia. Cada uma dessas histórias tem paralelos com a Criação, Queda, redenção e consumação, juntamente com a expectativa de que alguém ou algum grupo desempenhará o papel do messias, conduzindo a um final feliz. Como Taylor assevera, “a narrativa não é um complemento facultativo”. Isso significa que as histórias fazem parte de nossa compreensão tanto de nós mesmos quanto do mundo em geral.³ Consequentemente, nesta nova edição eu trouxe para o primeiro plano algo que já estava presente na edição anterior, porém não totalmente discutido — a saber, a estrutura narrativa das ideologias. Junto a essa nova ênfase, também incluí diversos diagramas para ilustrar essa estrutura. A única exceção a isso está no tratamento que dei ao conservadorismo no capítulo 2.

Para minha surpresa — ainda que agradável —, a primeira edição tem sido usada com bastante proveito em seminários teológicos por toda a América do Norte e possivelmente em outros lugares. Meu público-alvo era todo o corpo de Cristo, uma vez que seus membros são cidadãos envolvidos no drama comum da vida, o que inclui a política. Isso abrange ministros em treinamento, é claro. Contudo, ao reconhecer que eu não havia tratado de maneira evidente a situação dos pastores na igreja, decidi, com o encorajamento de alguns de meus leitores, incluir algo mais imediatamente relevante para aquele cujo chamado principal é a responsabilidade dentro da igreja institucional. Por isso, acrescentei o capítulo “Pós-escrito eclesiológico: uma conclusão”, que, embora não pretenda fechar a questão em definitivo, todavia oferece orientações gerais e três exemplos históricos de como a igreja institucional — vista como distinta do amplo corpo de Cristo — pode, com legitimidade, abordar questões políticas. Embora eu não espere completa concordância com a direção para a qual aponto, espero que esse pós-escrito ofereça um ponto de partida para discussões mais aprofundadas.

Além disso, as questões para discussão aparecem agora no final do livro. Aqueles que usam o livro em sala de aula não precisam ficar presos às

³Taylor, *A secular age*, p. 29.

questões como elas aparecem aqui e estão livres para adaptá-las junto a seus estudantes de forma que elas se encaixem em suas necessidades pedagógicas. Os que preferem ignorar completamente as questões e trazer outras melhores são mais que bem-vindos. Talvez eles possam até enviá-las a mim para consideração futura. Por fim, uma segunda edição traz em si uma ótima oportunidade para corrigir erros da primeira.

Se algo pode ser dito sobre o que mais caracteriza meu próprio pensamento político, é esta afirmação, que parafraseia a primeira pergunta e resposta do Catecismo de Heidelberg (1563): *Nós não somos nossos!* Na verdade, não pertencemos a nós; não somos autônomos. A busca por autonomia — ou seja, sermos donos de nós mesmos — talvez seja a característica mais proeminente das ideologias que exploraremos nestas páginas. Junto a esse foco na autonomia está o que podemos chamar de culto à originalidade. Muitos de nós adoraríamos ser um Einstein, surgindo com algo novo e criativo — algo, como a teoria geral da relatividade, na qual ninguém antes de nós pensou. No entanto, mesmo quando achamos que criamos algo novo e inovador, o que acontece é que muitos de seus elementos são obviamente copiados de algum outro lugar. O mesmo vale para este livro. Ao escrevê-lo, reconheço com satisfação a influência de muitas outras pessoas com quem conversei pessoalmente ou com quem tive contato por meio de publicações, ou mesmo online.

Entre elas está a do economista cristão holandês Bob Goudzwaard, que, em vários de seus livros, entre os quais *Capitalism and progress* e *Idols of our time* [Ídolos de nossa era]⁴, distingue a conexão entre ideologia e idolatria. Ao ler *Idols of our time*, me convenci de que essa ligação precisava ser trabalhada de modo mais detalhado, aplicando-a a cada ideologia. Assim, Goudzwaard foi e continua sendo uma das principais influências que formaram meu pensamento.

⁴Bob Goudzwaard, *Capitalism and progress: a diagnosis of Western society* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979) [edição em português: *Capitalismo e progresso: um diagnóstico da sociedade ocidental* (Viçosa: Ultimato, 2019)]; *Idols of our time* (Downers Grove: InterVarsity, 1984).

Sou grato também a duas outras pessoas que muito impactaram minha maneira de pensar. James W. Skillen esteve por muito tempo à frente do Center for Public Justice [Centro para a Justiça Pública] e da organização que o antecedeu, a Association for Public Justice [Associação para a Justiça Pública]. Skillen certamente é uma dessas pessoas que só crescem em sabedoria e conhecimento a cada ano que passa. Seus escritos são uma fonte abundante daquele discernimento que tentei expressar neste livro. No que se refere especialmente às questões aqui tratadas, aprendi muito com ele: sobre a extensão da fidelidade de Deus à sua criação, até mesmo diante de nossa incredulidade; e sobre o quanto as ideologias são deficientes no seu entendimento do caráter do Estado como instituição política diferenciada, com seu lugar próprio no mundo de Deus. O fato de termos dado ouvidos às diversas vozes ideológicas que distorceram nossa vida neste mundo não anula o fato de que ele ainda pertence a Deus e que, e por sua graça preservadora, o impacto do pecado continua limitado. Também é verdade que, embora os adeptos de várias teorias tentem reduzir o Estado a alguma outra coisa — uma associação voluntária igual a um clube privado, uma sociedade comercial, um ponto focal para a lealdade comunitária —, a experiência pré-teórica é facilmente capaz de distinguir entre a comunidade política e as outras estruturas comunitárias, como a família. A missão estatal de promover a justiça, mesmo que tenha se pervertido de alguma forma, tende inevitavelmente a reemergir. Isso novamente é fruto da graça preservadora de Deus.

Também devo muito ao meu amigo e colega Albert M. Wolters, que, apesar de sua alegação possivelmente irônica de ter pouco interesse pela política enquanto tal, ajudou-me a compreender a ligação entre as ideologias e a heresia gnóstica da antiguidade, a qual alega que a fonte do mal não está em nossa rebelião contra Deus e sua Palavra, mas em um problema estrutural da criação. No ato de não estabelecer diferença entre a estrutura da criação e seu sentido espiritual, os seguidores das diversas ideologias tendem a pressupor que a salvação vem da libertação da humanidade em relação a alguma faceta da criação de Deus; concomitantemente, eles depositam sua confiança em alguma outra faceta da própria criação.

Muitas outras pessoas me influenciaram ou desempenharam um papel mais direto na minha forma de pensar. As que mais contribuíram foram

as seguintes: Abraham Kuyper, estadista cristão holandês e polímata, cujas reflexões sobre a política e a sociedade foram construídas em resposta à secularização generalizada dos Países Baixos durante o século 19; Herman Dooyeweerd, que foi por várias décadas catedrático de filosofia do direito na Universidade Livre de Amsterdã, e cuja filosofia cristã me tem ajudado de modo considerável a compreender a natureza da política e do Estado; Jean Bethke Elshtain, cujos escritos mostram um raro grau de bom senso motivado pelo esforço de se manter longe dos vários programas ideológicos; Paul Marshall, da Baylor University (Texas), e Mary Ann Glendon, da Escola de Direito da Universidade Harvard, cujos textos sobre direitos humanos demonstraram o quanto é complexa a reivindicação de direitos em uma época em que estes são vistos como a resposta para qualquer controvérsia política; Roy A. Clouser, cujo livro *The myth of religious neutrality*,⁵ juntamente com outros escritos, elucida o caráter dos vários tipos de crença religiosa e sua respectiva compreensão do mundo criado por Deus; Bernard Zylstra, que foi meu mentor no Institute for Christian Studies [Instituto para Estudos Cristãos] e me apresentou os escritos de Hannah Arendt, Leo Strauss, George Parkin Grant e Eric Voegelin; Jacques Maritain, cuja aplicação de uma perspectiva neotomista católico-romana às mais diversas áreas da atividade humana tem uma abrangência impressionante; Yves R. Simon, cujas reflexões sobre a autoridade e seu lugar em uma sociedade democrática continuam a fazer sentido décadas depois de terem sido formuladas; David L. Schindler, cuja abordagem católico-agostiniana à compreensão das ideologias é muitíssimo parecida com a abordagem desenvolvida no presente livro; H. Richard Niebuhr, cujas reflexões pioneiras sobre a relação entre cristianismo e cultura impactaram diversos pensadores na segunda metade do século 20; Hannah Arendt, Sheldon S. Wolin e Bernard Crick, que entendem que a política é simplesmente política — uma forma insubstituível,

⁵Roy A. Clouser, *The myth of religious neutrality: an essay on the hidden role of religious belief in theories* (Notre Dame, Estados Unidos: University of Notre Dame Press, 1991) [edição em português: *O mito da neutralidade religiosa: um ensaio sobre a crença religiosa e seu papel no pensamento teórico*, tradução de Fabrício Tavares de Moraes e Rodolfo Amorim (Brasília: Monergismo, 2020)]. Uma edição revisada foi publicada em 2005.

se bem que não utópica, de permitir que interesses diversos e potencialmente conflitantes coexistam em paz; e George Grant e Christopher Lasch, um canadense e um americano que compreendem, melhor que a maioria, que o embate ideológico contemporâneo nem sempre é o que parece ser, e reconhecem que a popular divisão dicotômica entre esquerda e direita no debate político contemporâneo é simplista, na melhor das hipóteses, e enganadora, na pior.

Devo, também, reconhecer as contribuições de outras pessoas que leram e comentaram os rascunhos deste livro ou ajudaram, de alguma forma, na sua composição. Além de Skillen e Wolters, incluo: John Hiemstra, Fred Van Geest, Anthony Wells, John Fawcett, William G. Witt, Donald Leach, Edward A. Goerner, Elaine Botha, Robert MacLarkey, Harry Van Dyke, Jacob Ellens, Michael Goheen, Justin Cooper e outros colegas no Redeemer University College, John Bolt, Paul Brink, Michael C. Hogeterp, Gary Miedema, Russell D. Kosits (o amigo mais chegado que um irmão, ao qual Pv 18.24 faz referência), Phil Teeuwsen, Brian Dijkema, Robert Joustra, Matthew Kaeminck, Lucas Grassi Freire, Bruce Ashford, Bart Gingerich, Jordan Ballor, Kevin Platt, Benjamin Gale e finalmente, Douglas R. Johnson, grande amigo e colega de graduação, que me apresentou os escritos de Kuyper e Dooyeweerd há mais de trinta anos. Meus agradecimentos vão também para o Redeemer University College por ter coberto parte das despesas ligadas à preparação da primeira edição deste livro. Todas essas pessoas e instituições contribuíram de alguma forma para este projeto. Naturalmente, a responsabilidade por qualquer imperfeição é minha.

Finalmente, dedico este livro a Nancy, a Theresa e aos estudantes a quem tenho ensinado todos esses anos.

Soli Deo gloria. A Deus somente seja a glória.

INTRODUÇÃO

Ideologia, religião e idolatria

Vivemos em uma época extraordinária. Até pouco tempo atrás, parecia que o mundo estava preso em um impasse apocalíptico entre as duas superpotências e suas ideologias rivais. Durante os quarenta anos da Guerra Fria, ambos os lados gastaram imensa energia na tentativa de converter os corações e as mentes dos povos do mundo, seja ao comunismo, seja à democracia liberal. Embora considerações antiquadas sobre o interesse nacional tenham feito parte desse longo conflito, a Guerra Fria, especialmente nos seus anos finais, foi singular no sentido de ter sido antes de tudo um choque entre *ideias* opostas. Durante esse período, uma deserção para o outro lado — como, por exemplo, as de Kim Philby ou Arkady Shevchenko — não era tanto uma questão de trair a pátria quanto de declarar uma crença nos ideais que alimentavam o sistema político e econômico do país rival. Naquele contexto, toda noção de lealdade à pátria tinha uma conotação diferente em relação a outros conflitos do passado. É bem verdade que a Guerra Fria não foi o primeiro conflito ideológico da história, mas foi provavelmente o que mais durou.

Apesar disso, na era pós-Guerra Fria, a tradicional lealdade a esses conjuntos de ideias que apropriadamente podemos denominar *ideologias* vem sofrendo um abalo inédito. Um dos fatores mais drásticos foi o colapso do comunismo, que ocorreu com rapidez surpreendente no final de 1989 no leste europeu e acabou levando à dissolução da própria União Soviética no final de 1991. Embora para muitos de nós, do lado de fora, isso tenha

sido uma surpresa, os que estavam ali dentro, especialmente os cristãos, pareciam entender que o sistema marxista-leninista não perduraria. Com efeito, é justo afirmar que, no final, a ideologia já estava morta havia algum tempo, ao menos no coração do povo. Uma transição não menos dramática foi o inesperadamente rápido fim do *apartheid* na África do Sul através da atuação de F.W. de Klerk e Nelson Mandela alguns anos depois. Mas, possivelmente o desenvolvimento mais inesperado — pelo menos para os ocidentais — foi o surgimento do jihadismo radical, em especial depois que o nacionalismo árabe do final do século 20 surgia como uma tendência para o futuro. A tragédia do 11 de setembro trouxe essa realidade para os americanos de uma forma espetacular, mas o movimento já estava ganhando força havia algum tempo. A Revolução Iraniana de 1979 pegou os americanos desprevenidos, pois desafiava a classificação familiar com que os ocidentais estavam acostumados e minava a suposição comum de que a História sempre se move em uma direção progressista e secularizada.

Talvez com menos intensidade, nós, ocidentais, também temos experimentado insistentes dúvidas e inquietações a respeito de nossas próprias ideologias, em particular o liberalismo e a democracia. O liberalismo, como veremos, baseia-se em uma crença na primazia do indivíduo. Hoje, ao que parece, estamos sofrendo as consequências de um individualismo exacerbado, evidenciadas em diversas patologias sociais graves. A insistência nos direitos sem a ênfase compensatória nas responsabilidades nos priva de quase todo fundamento para uma comunidade genuína, fato que os americanos têm descoberto com grande pesar. Mesmo a democracia, que, muito mais do que o liberalismo, valoriza a comunidade, degenerou em algo que se aproxima de puro majoritarismo, deixando pouco espaço efetivo para a existência de comunidades potencialmente dissidentes e desconfiando de qualquer coisa que possa minar a lealdade ao povo democrático. A democracia tornou-se popular novamente, especialmente nos países que saíram do comunismo. Porém, nesses lugares ela é vista como equivalente à prosperidade consumista de países como a Alemanha e os Estados Unidos, e não às virtudes públicas necessárias ao bom funcionamento de um sistema político participativo. Além disso, como afirma Ryszard Legutko, a democracia liberal,